

11 A 13
DE DEZEMBRO
DE 2024

EVENTO PRESENCIAL
NA UFRPE RECIFE



2º Congresso Internacional de Agroecologia
e Desenvolvimento Territorial (CIADT)

11º Seminário de Agroecologia e
Desenvolvimento Territorial (SEADET)

TEMA

Agroecologia política, sistemas alimentares e transições agroecológicas



Recife, 13 de dezembro de 2024

CARTA ABERTA DA AGROECOLOGIA POLÍTICA

Nós, representantes da Universidade Federal Rural de Pernambuco, discentes, técnicos e docentes e de outras universidades, de instituições públicas de pesquisa e extensão rural, de movimentos sociais sem-terra, feministas e palestrantes do Brasil, Espanha, Argentina, Colômbia, México e França participantes do 2º Congresso Internacional de Agroecologia e Desenvolvimento Territorial e 11º Seminário de Agroecologia e Desenvolvimento Territorial realizado na UFRPE, de 11 a 13 de dezembro de 2024. Vimos por meio desta apresentar as principais reflexões e conclusões de um congresso que contou com a inscrição de mais 700 participantes que apresentaram cerca de 200 trabalhos em rodas de diálogos sobre temas diversos vinculados à agroecologia, soberania alimentar, reforma agrária, feminismo, campesinato, entre outros. De maneira coletiva,

- Defendemos a reforma agrária popular de base agroecológica que busca a construção da soberania alimentar como medida para incrementar a biodiversidade, a produção de alimentos saudáveis, o enfrentamento da emergência climática, voltada para o abastecimento dos mercados locais. A reforma agrária que precisa acontecer para assegurar terra para milhares de camponeses que vivem nas cidades e no campo em quantidade e qualidade, dando prioridade para titulação em nome das mulheres camponesas, juventudes e população LGBTQIA+ e outros segmentos sociais vulnerabilizados;
- Reivindicamos políticas públicas para fortalecer a transição agroecológica, a economia camponesa, dos povos das águas, florestas e da terra respeitando

os seus modos de vidas, suas culturas e a conservação dos etnoagroecossistemas;

- Propomos que as instituições de ensino, pesquisa e extensão incorporem nos currículos dos cursos de graduação, pós-graduação, investigações e outras ações formativas os sujeitos dos conhecimentos tradicionais, visando oferecer uma formação crítica e plural do ponto de vista epistemológico e metodológico, conforme estabelece a Agroecologia,
- Convidamos a população das cidades, movimentos sociais a participarem do processo de transformação dos centros urbanos em cidades ecológicas e produtoras de alimentos, com aproveitamento de terrenos públicos e privados subutilizados ou desocupados para desenvolvimento da agricultura urbana e periurbana, por meio de coletivo de mulheres, homens e jovens, visando a produção de alimentos ecológicos e a geração de trabalho e renda;
- Propomos o apoio de políticas públicas ao movimento camponês a camponês como principal estratégia metodológica para ampliar os territórios agroecológicos no Brasil, aumentando o número de famílias e experiências articuladas, conservando a natureza e produzindo alimentos de verdade;

Finalmente, convidamos a todos/as, homens e mulheres, as/os participantes do 2º Congresso Internacional de Agroecologia e Desenvolvimento Territorial e do 11º Seminário Internacional de Agroecologia e Desenvolvimento Territorial e toda a sociedade a participar da luta contra as estruturas opressoras do agronegócio e construção da soberania alimentar a partir da agroecologia na cidade e no campo, partindo do potencial endógeno social e ecológico que as comunidades têm para criar alternativas econômicas baseadas nos princípios da solidariedade e da autogestão. Assim como a fortalecer a democracia, a luta antirracista, a ciência crítica, a demarcação dos territórios indígenas e quilombolas, assim como os direitos humanos e sociais a partir dos princípios constitucionais da igualdade e da justiça.

Avante companheiros e companheiras! A vitória será nossa!

Nestes três dias discutimos questões importantes sobre agroecologia política, sistemas agroalimentares e transições agroecológicas.

A agroecologia apresentada como uma estratégia para enfrentar a queda do céu de que nos fala Davi Kopenawa.

Um mundo em crise social, ambiental, política ambiental e ética precisa encontrar saídas para nossa sobrevivência no planeta.

A agroecologia política aponta caminhos, defendendo a consolidação do movimento agroecológico construído por distintos atores sociais, agindo em diferentes partes do mundo, tendo, como a Educação Popular e a Educação em Agroecologia, diretrizes políticas e pedagógicas para a transformação dos territórios camponeses.

Aqui recebemos palestrantes nacionais e internacionais que nos ajudaram em ricas reflexões.

Tentando uma síntese desses dias nos parece útil a metodologia utilizada pela ANA de buscar compreender em diferentes cenários e territórios os anúncios, que falam de nossas conquistas, por outro lado as denúncias, que nos aflige e nos chama a seguir em luta.

Nesse congresso enfatizou-se a persistência da questão agrária, expressa por processos preocupantes de reconcentração de terras em todo mundo. Denunciamos essa realidade e reafirmamos que **SEM REFORMA AGRÁRIA, DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS E TITULAÇÃO DAS TERRAS QUILOMBOLA, NÃO HÁ AGROECOLOGIA.**

Neste 2º CIADET reafirmamos o papel estratégico das mulheres para a construção da agroecologia. Nesse sentido defendemos a campanha pela justa divisão do trabalho doméstico e reforçamos o lema já consolidado no movimento agroecológico brasileiro que **SEM FEMINISMO, NÃO HÁ AGROECOLOGIA!**

Destacou-se ao longo dos debates a Agroecologia como estratégia de enfrentamento ao capitalismo. Precisamos construir as transições cotidianas, que mudam vidas. Para isso as lógicas econômicas que aproximam agricultores/as de consumidores/as, em circuitos curtos e múltiplos de comercialização são fundamentais para consolidar outras práticas econômicas fundamentadas na Economia Popular e solidária, economia feminista e economia ecológica.

Imprescindível chamar a atenção para o papel que a agroecologia política tem para fazer o debate sobre o escalonamento da agroecologia, defendendo a ampliação de experiências nos territórios em transições. Para tanto a organização social para incidir sobre o Estado e suas organizações é fundamental para que avancemos na construção de políticas públicas efetivas para o campo agroecológico.

Essas temáticas perpassaram conferências, mesas, lançamento de livros e apresentações de trabalhos.

Aqui inovamos metodologicamente trabalhando com as Instalações Artístico Pedagógicas como uma outra forma de construir conhecimento. É um estímulo à

ruptura com as formas convencionais da racionalidade cartesiana. É um exercício sentipensante como nos falava Fals Borda. É uma experiência onde juntamos arte, criatividade, ludicidade e, sobretudo, construção coletiva. Com isso o 2º CIADT que hoje se encerra é, para nós, uma contribuição para construção de agroecologias emancipatórias, na busca de um mundo melhor para todas as pessoas.

Agradecemos a participação de cada um de vocês, até breve, pelos caminhos da agroecologia!